

O BRASIL QUE NOS ROUBARAM: A INVISIBILIDADE INDÍGENA E SEUS REFLEXOS NA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA LATINOAMERICANA.

The Brazil that robbed us: The indigenous invisibility and its reflections in the latin american historical consciousness

Luzia da Cruz Pereira¹

Nara Riana Medeiros Dantas²

André Mendes Pini³

RESUMO

O presente artigo busca relacionar a invisibilidade indígena com a ausente consciência latino-americana nos cidadãos latinos. Especificamente, examina os efeitos negativos do eurocentrismo, bem como analisa a reprodução da “síndrome” de inferioridade e dependência existente diante das sociedades latino americanas ainda contemporaneamente. Dessa maneira, por meio do método histórico, debruçado diante da colonização lusitana no Brasil em seus aspecto opressor, observa-se e analisa-se a história oculta dos indígenas. O artigo fornece uma análise acerca das consequências pós-coloniais na ausência da consciência histórica latino americana dos cidadãos, preenchendo uma lacuna na discussão contemporânea sobre o tema. Os resultados da pesquisa argumentam acerca da necessidade de observação do presente problema de pesquisa sob as lentes da tradição intelectual latino-americana, como as teorias cepalinas e dependentistas, pois elas podem auxiliar na compreensão do problema da ausência de consciência histórica latino-americana nos cidadãos brasileiros a partir de uma perspectiva legítima.

Palavras-Chave: Colonização. Invisibilidade indígena. Consciência histórica latinoamericana.

ABSTRACT

This article seeks to succinctly relate the relationship between indigenous invisibility and the absent Latin American consciousness in Latino citizens. Specifically, it examines the negative effects of Eurocentrism, as well as analyzing the reproduction of the “syndrome” of subordination and dependence that exists in Latin American societies today. In this way, in the first part, the study intends to introduce the reader to the subject, bringing a historical overview of the oppressive

1 Graduada em Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba - luzia.dacruzpereira@gmail.com

2 Graduada em Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba - riananara3@gmail.com

3 Doutor em Relações Internacionais, Universidade de Brasília - andrepini@gmail.com



Portuguese colonization in Brazil and the hidden history of the indigenous people. In the second part, it provides an analysis of the post-colonial consequences in the absence of the Latin American historical consciousness of citizens. Finally, in the last topic, the study clarifies the relationships between the main Latin American theories, such as CEPAL theories and Dependency Theory, to foster the importance of understanding the social and economic position of Latin American citizens through legitimate lens.

Keywords: Latin America: Colonization. Indigenous invisibility. Latin American historical consciousness.

INTRODUÇÃO

Este estudo inicia-se de forma cronológica para melhor entendimento dos fatos da realidade indígena no Brasil e posteriormente compreendermos como a identidade latino americana não é reconhecida por falta de conhecimento histórico, sendo esse um dos grandes défices sofridos na educação, principalmente no Brasil.

Primeiramente abordamos sobre quem realmente foram os primeiros a chegarem em terras brasileiras, quais eram seus costumes e culturas e como se consolidaram antes da chegada dos europeus. Em seguida, destacamos como se estabeleceu a elite no Brasil, os reflexos sentidos pela influência da mesma em nossa sociedade até os dias atuais e posteriormente ressaltamos as condições que os povos indígenas passaram a ter após a colonização dos portugueses em suas terras.

Por fim, buscamos explicar o motivo da falta de conhecimento relacionada à história latino americana, tanto por meio da colonização onde os europeus estabeleceram que apenas a Europa era civilizada e possuía cultura, reprimindo assim a cultura dos demais povos, como também através de interferências ideológicas, sendo elas nacionalistas e eurocêntricas que interferiram no ensino dessa importante parte da história principalmente no século XIX, afetando dessa maneira até mesmo na questão identitária. Desse modo, também trazemos neste artigo estudiosos como Celso Furtado, Raul Prebisch e Alejandro Simonoff a fim de explicar a origem dessa problemática por meio das teorias cepalinas. Em suma, a metodologia que utilizaremos neste estudo será a revisão bibliográfica, buscando trazer ao discurso os principais autores e teorias sobre este tema.

1. E ANTES DOS PORTUGUESES? A CULTURA OCULTA DAS CIVILIZAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL;

Quando pensamos no que era o Brasil antes dos portugueses pouco sabemos a respeito, isso porque



o que nos foi ensinado nas escolas corresponde a um Brasil que passou a existir apenas após a vinda dos navegantes europeus recém chegados de Portugal que mais tarde seriam os colonizadores de terras brasileiras. No entanto, no território brasileiro habitavam diferentes povos com culturas, costumes e uma rica história que foi impedida de ser contada, sendo assim quase extinta pelo eurocentrismo.

De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA, S/D) existem duas teorias para explicar a chegada dos primeiros nativos brasileiros. A primeira hipótese seria de que os chamados "índios", denominados assim pelos portugueses, são descendentes de origem asiática de povos que fizeram a travessia do estreito de Bering a 62 mil anos. Enquanto que na segunda teoria é relatado que a chegada dos indígenas ocorreu devido a uma migração de pessoas com características semelhantes aos povos da Oceania. Alguns estudos advindos da arqueologia revelam que os primeiros indígenas que habitaram terras brasileiras ocuparam inicialmente os Estados que hoje são o Piauí e a Bahia por volta de 20 e 40 mil anos atrás (FUNDO BRASIL, 2021).

Entretanto, segundo Gabriela Martin (1992), os primeiros humanos a habitar o território brasileiro podem ter chegado a mais de cinquenta mil anos atrás, através de migrações que se seguiram através dos rios, os chamados "corredores andinos". Dessa maneira, a autora cita que uns dos possíveis percursos naturais para a chegada desses primeiros habitantes, foram a Bacia Amazônica e a Platina (MARTIN, 1992, p.41), fator que favorece a teoria de Bering, indicando que a migração e ocupação humana ocorreu do norte para o sul. Como reafirma Martin (1992) no trecho a seguir,

O homem pode ter penetrado no atual território brasileiro faz 50.000 anos, possivelmente através dos corredores andinos e seguindo os cursos dos rios que nascem na cordilheira. Outros grupos humanos, ainda no pleistoceno, adaptados à maritimidade, avançaram pela costa da Venezuela até as Guianas, mas não há evidências de que tenham continuado em direção às costas brasileiras (MARTIN, 1992, p.41).

Ademais, no nordeste brasileiro, por exemplo, foi comprovado arqueologicamente a presença de ocupação pré-histórica do interior e do litoral, compostas principalmente de grupos ceramistas e ocupações dunares pré-ceramistas, que é o exemplo do Rio Grande do Norte (MARTIN, 1992, p.41).

Segundo Martin (1992), os sítios arqueológicos mais antigos são separados em grupos. O primeiro grupo inclui os sítios pré-históricos nas Américas anteriores a 100.000 anos antes dos tempos presentes (*Before present: BP*), que comporta sítios como Old Crow no Canadá (200.000 anos BP), Texas Street em San Diego, EUA (100.000 anos BP), Valsequillo no México (250-300.000 anos BP, entre outros. Segundo as teorias vigentes, o Brasil se enquadra no segundo grupo, sítios pré-históricos de 25 à 50.000 anos BP, com o sítio da Lapa Vermelha no estado de Minas Gerais que possui de 25 à 100.000 anos BP, junto com o sítio Monte Verde no Chile 32 à 3.000 e 11.000 anos BP (MARTIN, 1992, p.54).



Entretanto, pesquisas revelam que no estado do Piauí foram encontrados vestígios com datações anteriores referentes a 48.000 anos BP, assim como no sítio pré-histórico de Central no estado da Bahia, onde foram encontrados indústrias líticas pouco rebuscadas do fim do último interglacial, o Sangamon, com 200.000 anos BP (MARTIN, 1992, p.54-5). Isto posto, através dos vestígios e dos fatos arqueológicos, evidencia-se que os primeiros habitantes do Brasil desenvolveram sociedades organizadas com o passar do tempo, ricas em cultura, arte, meios desenvolvidos para pesca, caça e culinária e etc. (MARTIN, 1992, p.54-6), o que perante as teorias do norte global, não podem se auto declarar “desenvolvidas” .

Entretanto, como as sociedades indígenas brasileiras não passaram pelo “estágio clássico”, isto é, não desenvolveram a sedentarização, a criação organizada de animais e o comércio, como os egípcios, mesopotâmicos e fenícios da história clássica, há uma incipiente desvalorização dos povos indígenas no Brasil quanto a seus antepassados, fator que influencia na auto desvalorização do povo latino americano atual (descendentes destas sociedades indígenas) (MARTIN, 1992, p.152). Ou seja, os próprios latinoamericanos se observam com menosprezo, o que Frantz Fanon (1925-61) chama de “Complexo de Inferioridade”. Trata-se de um complexo de dependência do colonizado, que valoriza e estima os colonizadores que as dominavam, reafirmando sua superioridade (FANON, 192-61, p.114).

A maneira com a qual se organizavam era de forma comunitária, dividindo tarefas entre si conforme a idade e gênero. Entre essas tarefas estavam a pesca, caça, plantações de milho, mandioca, batata-doce, cará, abóbora, feijão e tabaco. Conforme informações do Instituto Socioambiental (ISA, S/D) esses povos também possuíam características próprias para a construção de casas, sendo considerada nessas construções o ambiente em que viviam, os instrumentos e materiais disponíveis para a construção e a visão que tinham sob o mundo para que dessa forma fosse refletido em suas moradias o seu modo de vida (FUNDO BRASIL, 2021). Outro ponto importante a ser destacado são as diferentes línguas que eram faladas por esses nativos, sendo algumas delas a tupi, macro jê, aruak, arawá, karib, maku, tukano e yanomami (SÓ HISTÓRIA, 2018).

1.1 UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA NO BRASIL;

Após a chegada dos portugueses ao Brasil os primeiros contatos foram com nativos que faziam parte da região litorânea dominada pelos povos tupis. A relação entre europeus e indígenas foi o primeiro passo para o início da colonização brasileira, tendo ela diferentes etapas. Na primeira delas os portugueses praticavam escambo com os indígenas dando alguns de seus objetos como espelhos e facas em troca do Pau Brasil e desta forma a exploração no Brasil surge em benefício de Portugal.

Em seguida, inicia-se as guerras entre tribos indígenas estimuladas pelos portugueses a fim de obterem escravos indígenas das tribos perdedoras, estabelecendo dessa maneira uma mão de obra barata e o começo da escravidão indígena (CRISTAN, 2013). No entanto, no ano de 1537 surge uma mudança significativa, uma vez que, a igreja católica proíbe a escravização dos indígenas que se convertessem ao catolicismo, porém, era



ordenado que aqueles que se recusassem a se converter poderiam ser submetidos a “guerra justa” (Formato de guerra para justificar escravidão de nativos) e como punição poderiam ser submetidos à escravidão (CRISTAN, 2013).

1.2 FORMAÇÃO DE ELITES E A PERIFERIZAÇÃO DOS INDÍGENAS;

Além de todos esses fatos ocorre também no Brasil a formação das elites, que se deu inicialmente através das capitânicas hereditárias que eram terras brasileiras divididas e doadas aos nobres de Portugal para serem administradas pelos mesmos com o intuito de evitar invasores estrangeiros com destaque para piratas e comerciantes franceses e ingleses em território brasileiro (BEZERRA, 2020).

Tanto a colonização bem como a elite brasileira trouxeram fortes consequências para o Brasil, pois de acordo com Gilberto Sarfati (2005) o fato do Brasil ter sido durante mais de três séculos uma colônia de exploração foi um dos motivos para a sua condição de país subdesenvolvido. Ademais, o outro motivo conforme diz Sarfati (2005) é a elite que domina a economia brasileira desde o Brasil colônia, começando pelos aristocratas locais que controlavam a agricultura e atualmente as grandes indústrias, assim como também utiliza o Estado para adquirir benefícios próprios e por fim contribui para o empobrecimento da população por meio da má distribuição de renda, gerando assim cada vez mais desigualdade social (SARFATI, 2005, p.137).

Enquanto isso, como se seguiu a vida dos nativos durante esse período? O que ocorreu com aqueles que não foram escravizados ou catequizados pela igreja católica? Por questões de sobrevivência muitos indígenas fugiram para o interior do Brasil com medo de massacres e da escravidão perdendo assim suas terras, enfrentaram dificuldades para plantio de alimentos que antes cultivavam rotineiramente em suas terras antigas e outro obstáculo foi o acesso à água, pois os europeus haviam ocupado territórios próximos a rios e mares para a construção de seus engenhos que viriam a ser mais tarde vilas e cidades (FUNDO BRASIL, 2021).

Diante desses fatos, é possível compreender que os povos indígenas não só foram massacrados, assassinados e explorados, como também tiveram suas identidades extintas. Esse extermínio cultural reflete negativamente na educação, pois como consequência, acarreta na falta de conhecimento da história latino americana, visto que os indígenas da América Latina são parte fundamental dessa história.

2. A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA LATINOAMERICANA PARA OS LATINOSAMERICANOS;



Buscaremos agora elucidar a importância da consciência histórica latinoamericana para os latinos, e como a promoção da visibilidade e da consciência da história indígena, tanto na América espanhola quanto na América portuguesa, podem auxiliar neste “despertar social” necessário. Primordialmente é de extrema importância definir o que é a tal “consciência histórica latinoamericana”. Segundo Jörn Rüsen (1992) a consciência histórica é a capacidade de interpretar fatos históricos a fim de condicionar as ações dos indivíduos no presente e no futuro, ou seja, é a consciência de que a história possui consequências reais no presente, como enfatiza-se a seguir,

Para Rüsen (1992, p.30), isso implica que a referência para o tempo futuro está contida na interpretação histórica do presente, já que é essa interpretação que deve guiar a ação. Em uma perspectiva latino-americana, isso significa a capacidade de utilizar a História da América Latina para analisar uma situação presente e determinar um curso de ação (CONCEIÇÃO ; DIAS apud RÜSEN, 2011, p. 174-5).

Trocando em miúdos, a falta de consciência histórica latinoamericana existente nos latinos é um problema que possui duas vertentes. A primeira é a colonização, período em que os europeus relacionavam tudo que era civilizado à Europa. O segundo é o fato de que a disciplina de história dos países da América Latina, em especial Brasil, Argentina e Chile, foi fundamentada no século XIX, a fim de ser uma disciplina eurocêntrica e ao mesmo tempo nacionalista, destinada a satisfazer as políticas de governo destes países na época, que experienciavam os primeiros ares da independência (CONCEIÇÃO ; DIAS, 2001, p.175).

Isto posto, diante das discussões aqui expostas, qual é, na verdade, a importância da consciência histórica latinoamericana para os latinos? Dando ênfase à vertente social, é necessário que os latinoamericanos entendam a posição social e histórica que exercem no contexto latino americano. Ademais, é importante que sejam capazes de performar um arcabouço histórico de um passado de subordinação, exploração, dependência e despotismo. Somente a partir desta consciência social poderão guiar suas ações no presente.

A falta da “consciência latina” trata-se de um problema que possui raízes estabelecidas desde o choque cultural entre indígenas e lusitanos/espanhóis e as consequentes práticas escravistas, racistas e preconceituosas que os colonizadores perpetuaram sobre os latinos. Estes fatos resultam em resquícios impregnados na cultura e no imaginário dos latinos americanos até a atualidade. Nesse sentido, a importância de ter ciência desta relação de subordinação nos abre portas para valorizar a cultura, o conhecimento, as tradições, as línguas nativas, os costumes e as crenças que restaram dos nossos conterrâneos indígenas, visando assim diminuir a reprodução de práticas eurocêntricas e reconhecendo a riqueza e a civilização que existe dentro deste vasto território que contempla a América Latina.



3. TEORIAS CEPALINAS;

Após a II Guerra Mundial os autores latino americanos que perceberam essa relação, começaram a abordar teorias que explicassem, identificassem e dessem solução à posição de subdesenvolvimento da América Latina, a principal delas foram as teorias Cepalinas. Dessa maneira, procuro aqui interligar as teorias cepalinas ao problema da ausência de consciência histórica nos latinos, e como isso nos afeta diante das vertentes sociais e econômicas.

3.1 ALEJANDRO SIMONOFF;

Primordialmente, segundo Alejandro Simonoff (2020) o subdesenvolvimento da América Latina era o seu principal problema, o qual devíamos combatê-lo com movimentos sociais, a fim de incluir os direitos da massa à política elitista dos Estados latinos. Ademais, outro autor que também abordou sobre o tema foi o teórico cepalino Theotonio Dos Santos (2002), responsável por explicar a marginalização da América Latina e o desenvolvimento dos países de Primeiro Mundo através dos seguintes pontos,

(1) el desarrollo está estrechamente ligado a la expansión industrial en los países desarrollados; (2) el desarrollo es parte de un proceso universal; (3) el desarrollo no puede ser considerado como la primera condición de un proceso evolutivo; y (4) la Dependencia no es un fenómeno únicamente externo, sino que también se manifiesta internamente en los países en los ámbitos social, económico y político (SIMONOFF apud SANTOS, 2020, p.18).

Segundo Santos (2002) o processo de industrialização de um Estado é um grande aliado para o desenvolvimento deste, processo o qual foi introduzido na América Latina tardiamente, daí sua desvantagem (SIMONOFF apud SANTOS, 2020, p.18). Além disso, seguindo nesta vertente econômica, outro elemento que acentuou este subdesenvolvimento foi o mínimo estímulo e condição doméstica de fazer evoluir os processos de industrialização nos países da América Latina, elemento que nos tornou dependentes dos Estados que a desenvolveram previamente (Países desenvolvidos) e que, por consequência, já possuíam influência de venda no comércio internacional.



3.2 CELSO FURTADO;

Seguindo para um dos autores mais influentes da CEPAL, Celso Furtado (1961) trouxe discussões inovadoras que auxiliou a compreensão teórica do subdesenvolvimento latino americano. Uma de suas observações foi o crescimento desigual entre os países da periferia e do centro, a qual nomeou Teoria do Crescimento Desigual. Além disso, outra das teses difundidas por Furtado (1961) foi a Deterioração dos Termos de Troca, que buscava explicar a desvantagem cambial entre os produtos primários e industrializados, fator que desvaloriza os preços dos produtos agrícolas (geralmente produzidos na América Latina). Por fim, a troca do desemprego pelo subemprego e o atraso tecnológico dos países latinos, também são fatores chaves para entender este processo de periferização (SIMONOFF apud FURTADO, 2020, p.20).

3.3 RAUL PREBISCH;

Por último, mas não menos importante, Raul Prebisch (1963) afirma que o problema do subdesenvolvimento na América Latina está vinculado à divisão internacional do trabalho e da concentração de tecnologia no centro, que por sua vez, está relacionada ao desenvolvimento dos países de primeiro mundo. À esta discussão Prebisch (1963) deu o nome de Teoria da Dependência. Para a análise destes fatos, o autor enfatiza que isso acontece por conta do sistema econômico mundial ao qual a América Latina está inserida (BERNAL-MEZA apud PREBISCH, 2020, p.28)". Ao passo que também afirmava que a cultura era um fator de grande importância para o subdesenvolvimento da América Latina, como Meza (2005) enfatiza a seguir,

El papel de la tecnología había sido dejado de lado por los estudiosos de la historia, cuya preocupación giró en torno a la cultura como la explicación estructural del desarrollo de las sociedades occidentales del Norte y el atraso del resto del mundo. El atraso de la periferia era consecuencia de las diferencias en la evolución cultural (BERNAL-MEZA apud PREBISCH, 2020, p.28).

Além disso, é visível que a comissão regional (CEPAL) concentrou sua atenção em promover mudanças de exclusividade econômica, deixando de lado as alterações sociais que possuíam igual importância, daí o seu erro. Fatores como este parecem também ter influenciado a ausência de consciência histórica latinoamericana nos latinos, uma vez que, a área social (uma área que facilitaria a disseminação da identidade latina), não foi prioridade para os cepalinos.

Ao analisar tais vertentes da teoria cepalina, percebem-se fatores de extrema importância anteriormente apontados, como: a dependência, a subordinação, o sistema econômico mundial, a divisão trabalhista, o



subdesenvolvimento, o crescimento desigual, a deterioração dos termos de troca, o atraso tecnológico e o subemprego. Estes elementos identificados pelos autores cepalinos nos fazem compreender melhor a “síndrome de inferioridade” que se estabelece entre seus próprios conterrâneos e que acaba por fazer estes desvalorizarem suas origens. Em suma, este problema desemboca novamente no impasse central deste artigo: a falta de consciência histórica latino americana nos latinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste estudo concluímos que a omissão da história e cultura indígena no Brasil e na América Latina, além das relações de exploração do período colonial e a formação de elites brasileiras (que acentuaram a desigualdade social), foram fatores que provocaram fortemente a falta de consciência latino americana e a “síndrome de inferioridade” latina. Neste momento, cabe aqui adicionar a análise de Albert Memmi (1957) em sua obra intitulada “O retrato do colonizado”, o autor analisa que a imposição do status de inferioridade sobre os colonizados pelos colonizadores, se perpetua na mente das sociedades colonizadas, gerando falta de valorização/protagonismo local, o que ocorre na análise deste artigo. Para validar nossos argumentos, relacionamos nossas discussões às várias visões adeptas das teorias cepalinas, trazendo ao discurso teóricos como Celso Furtado, Raul Prebisch e Alejandro Simonoff. Por fim, buscamos visibilizar a história oculta do “Brasil que nos roubaram”, procurando dar voz e vez à história “invisível” dos indígenas brasileiros, e os reflexos de seu desconhecimento nos problemas destas práticas dentro do contexto latino americano.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Juliana. Brasil Colônia. **Toda Matéria**. 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/brasil-colonia/>. Acesso em: 21 fev. 2022.

CONCEIÇÃO, Juliana Pirola ; DIAS, Maria de Fátima Sabino. Ensino de História e consciência histórica latino-americana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 62, p.173-191, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/jq67NRfY93WLBHT7n6QkwGz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 jan. 2022.

CRISTAN, Mara. A Noção de Guerra Justa no Brasil Colônia. **Blogue da Mara Cristan**. 28 de Abril de 2013. Disponível em:

<https://maracristan.wordpress.com/2013/04/28/a-nocao-de-guerra-justa-no-brasil-colonia/>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Descobrimento do Brasil - Discussões sobre o “descobrimento”. **So História**. 29 de Maio de 2018. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/ef2/descobrimento/p2.php>. Acesso em: 4 fev. 2022.



FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1992.

MEMMI, Albert. *O retrato do colonizado*. Rio de Janeiro: **CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA** 1957.

FUNDO BRASIL. Povos Indígenas: história, cultura e lutas. **Fundo Brasil**, 21 de Abril de 2021. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/povos-indigenas-historia-cultura-e-lutas/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

SARFATI, Gilberto. *Teorias de Relações Internacionais*; SIMONOFF, Alejandro ; BERNAL-MEZA, Raul. *Problemáticas Internacionales y mundiales desde el pensamiento latino-americano*. São Paulo: **Saraiva**, 2005. Disponível em: <https://alacip.org/?p=36862> Acesso em: 17 jan. 2022.